



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 19, n. 1, art. 7, p. 130-147, jan. 2022

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2022.19.1.7>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



Gênero, Sexualidade e Surdez em Pesquisas: Definições e Características

Gender, Sexuality and Deafness in Research: Definitions and Characteristics

Jakellinny Gonçalves de Souza Rizzo

Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Mestre em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados

Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora

jake.librasufgd@gmail.com

Josiane Peres Gonçalves

Doutorado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Dedicação Exclusiva da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

josiane.peres@ufms.br

Endereço: Jakellinny Gonçalves de Souza Rizzo

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí. Avenida Campo Grande, Saída para Ivinhema, Km 4. CEP. 79950000 - Naviraí, MS – Brasil.

Endereço: Josiane Peres Gonçalves

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí. Avenida Campo Grande, Saída para Ivinhema, Km 4. CEP. 79950000 - Naviraí, MS – Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 23/09/2021. Última versão recebida em 05/10/2021. Aprovado em 06/10/2021.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Este texto trata-se de uma pesquisa qualitativa, do tipo estado do conhecimento, que indagou as temáticas de pesquisas que se intitulam dentro da área de conhecimento do gênero, sexualidade e surdez, visando identificar características e definições desse campo. Metodologicamente, as discussões apresentadas neste texto ancoraram-se na pesquisa bibliográfica exploratória, em artigos, dissertações e teses, com recorte temporal de 2015-2020. Objetiva mapear as teses, dissertações e artigos brasileiros produzidos na língua portuguesa, publicados no portal da Capes/MEC, CAPES teses e dissertações, SciELO Brasil e GT 23 da ANPED. Após aplicados os critérios de inclusão/exclusão, foi selecionada uma tese do Catálogo de Teses e Dissertações CAPES, não foram encontradas pesquisas sobre a temática no Portal de Periódicos CAPES/MEC, SciELO e GT 23 da ANPED. Considera-se que é preciso potencializar as produções acadêmicas que abordem questões acerca de gênero, sexualidade e surdez, diante da carência de estudos na área.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Surdez.

ABSTRACT

This text is a qualitative research, of the state of the art type, which investigated the research topics that are entitled within the area of knowledge of gender, sexuality and deafness, aiming to identify, characteristics and definitions of this field. Methodologically, the discussions in this text presented were anchored in exploratory bibliographic research, in articles, dissertations and theses, with a time frame of 2015-2020. It aims to map Brazilian theses, dissertations and articles produced in the Portuguese language, published on the Capes / MEC website, CAPES theses and dissertations, SciELO Brasil, and GT 23. After applying the inclusion / exclusion criteria, a thesis was selected from the Thesis Catalog and CAPES Dissertations, no research on the topic was found in the CAPES / MEC, SciELO and GT 23 Journal Portal. It is considered necessary to enhance academic productions that address issues about gender, sexuality and deafness, in view of the lack of studies in the area.

Keywords: Gender. Sexuality. Deafness.

1 INTRODUÇÃO

Os debates sobre as questões de gênero e sexualidade são emergentes (HANSON; RICHARDS, 2021; KUNIN, 2021; MELO, 2021) e, ainda, são um tabu, especialmente quando se trata de pessoas com deficiência, os debates podem ficar ainda mais restritos, até causando incômodo para alguns educadores (ORTOLAN *et al.*, 2020; GONÇALVES; BARBOSA, 2020; PRIOSTE, 2010). As dificuldades em discutir esse tema são históricas, desde o início do século XX Freud já expressava preocupações com o esclarecimento sexual das crianças.

A esse respeito, a escola é uma dentre as múltiplas instâncias sociais que desempenham uma pedagogia de gênero e sexualidade (LOURO, 1999) e deveria se comprometer com o processo de educação sexual de crianças e adolescentes.

Ao tratar o tema de educação sexual, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) demonstraram a importância de trazer essas discussões para a escola, principalmente como uma forma de prevenção da AIDS. É evidente que se trata de uma proposta interessante, que se propõe abordar o tema “sexualidade” em forma de temas transversais, juntamente com outras disciplinas. À vista disto, cabe ao professor trabalhar esses conhecimentos com os alunos, mediante questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de gênero e sexualidade e suas diferentes abordagens (BRASIL, 1997).

Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) contribui timidamente para as discussões referentes à sexualidade, como as múltiplas dimensões da sexualidade humana, biológica, sociocultural, afetiva e ética. Contudo, não prevê discussões referentes ao gênero, percebe-se, então, que houve um retrocesso na área da educação.

Ocorre que gênero é definido como uma organização social da diferença sexual percebida, ou seja, existe uma diferença biológica entre homens e mulheres, mas a sociedade na qual as pessoas encontram-se inseridas influencia no processo de construção dos gêneros. Assim, a percepção de feminino e masculino em uma determinada cultura é muito diferente de outra, evidenciando que gênero é uma estrutura social móvel, que pode ser analisada nos diferentes contextos históricos e culturais (SCOTT, 1995).

Atualmente, sexualidade é vista como um conceito abrangente, que vai além do aspecto biológico, ou dos órgãos genitais, pois envolve as construções sociais, as representações simbólicas incorporadas pelas pessoas no processo de formação de identidade, e é considerada um conjunto de valores relacionados ao amor, gênero, sexo, corpo, implica as

emoções, afeto, desejos. (DREYER; MATEUS; GONÇALVES, 2018, LOURO, 2004; MAIA, 2011; VASCONCELO; FERREIRA, 2020;).

O discurso sobre gênero e sexualidade está presente, mas, quando se trata da sexualidade das pessoas surdas, é no mínimo complexo. Os sujeitos surdos pertencem a uma minoria linguística e cultural e têm como língua materna ou L1¹ a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). São encontradas semelhanças na sexualidade dos surdos e ouvintes, porém o acesso a informações, muitas vezes, se torna restrito à comunidade surda, devido às dificuldades de comunicação e preconceito, limitando-se à vivência com experiências afetivas sexuais (GLAT, 2004).

As dificuldades dos surdos em obter informações advêm da carência da LIBRAS no contexto escolar, dado que é mediante a sua L1 que evoluem em geral, com acesso ao conhecimento, cultura, interação social. É uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta a língua que levará o surdo a transmitir e proporcionar a aquisição de conhecimentos universais (PERLIN, STROBEL, 2014).

A partir do exposto, encaminha-se este estudo, problematizando as questões sobre gênero, sexualidade e surdez, por meio da discussão de uma pesquisa do tipo estado do conhecimento (2015-2020), com o objetivo de identificar características e definições das investigações.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 História da educação de surdos

Inicialmente, é necessário entender que a história é o passado a desembocar no presente (FEBVRE, 1989) e, para elaboração do futuro, a história pode e deve ter um grande papel na realidade e continuidade da evolução das próprias bases da ciência. Nesse cenário, o surdo se reconstrói na história, como disse Almeida e Lacerda (2019).

Na antiguidade, os surdos eram todos vistos como débeis mentais, criminosos, loucos, selvagens, comparados até aos animais. Os sinais eram tidos como formas obscenas e pecaminosas. Muitas vezes, quando utilizados pelos surdos, eram entendidos como um espírito do mal. Diante desse cenário, essas pessoas eram associadas à condição patológica,

¹ Neste estudo entende-se como língua materna ou L1 a língua natural do indivíduo que funciona como meio de socialização familiar (Gesser, 2010).

num enquadre ideológico dominante de viés oralista, isso causou impacto e proporções catastróficas na vida e formação educacional dos surdos (GESSER, 2012).

Na Idade Moderna, a partir do século XVI, a educação de surdos teve origem na Espanha, por meio dos trabalhos desenvolvidos pelo monge beneditino Pedro Ponce de León. O monge fundou a primeira escola para surdos em um monastério de Valladolid, inicialmente ensinava latim, grego e italiano, conceitos de física e astronomia a dois irmãos surdos, membros de uma importante família de aristocratas espanhóis. Ponce de Leon usava como metodologia a dactilologia, escrita e oralização (STROBEL, 2009), por isso ficou reconhecido por enfatizar o ensino da fala, recebendo os créditos de primeiro professor de surdos ao desenvolver um alfabeto manual.

O alfabeto manual é utilizado para soletrar manualmente as palavras (também conhecido como soletramento digital ou datilologia), é apenas um recurso utilizado por falantes da língua de sinais. Não é uma língua, e sim um código de representação das letras alfabéticas (GESSER, 2009).

Conforme Goldfeld (1997), no ano de 1620, também na Espanha, Juan Martin Pablo Bonet, um padre espanhol, educador e pioneiro da educação de surdos, publica um livro que discutia a respeito do alfabeto manual, “Redação das Letras e Artes de ensinar os mudos a falar”. Iniciou seus trabalhos na área da educação de surdos, com o nobre Dom Luís Velasco, através dos sinais, treinamento da fala e o uso da datilologia.

O século XVIII foi considerado o mais fértil da educação de surdos. Nesse período, surgiram diversos educadores, desenvolvendo várias metodologias para atender as especificidades das pessoas com surdez, como o abade Charles Michel De L'Épée (LACERDA, 1998).

Segundo Lacerda (1998), o abade que morava em Paris foi um personagem importante na história da educação dos surdos, que, a partir de estudos dos sinais usados pelos surdos nas ruas de Paris, criou os “sinais metódicos”, com o objetivo de ensinar os surdos parisienses a ler e escrever a língua francesa.

De L'Épée ministrou aula de educação religiosa em Paris para duas irmãs gêmeas. O processo de aprendizagem proposto previa que os educadores teriam que aprender os sinais com os surdos. Preliminarmente, era feita uma combinação dos sinais dos surdos e os sinais inventados pelo abade. Como sucessor, o abade contou com a ajuda de Sicard, que escreveu o primeiro dicionário de sinais.

Em 1760, De L'Epee, funda a primeira escola pública para surdos, o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em Paris, no qual eram utilizados os sinais metódicos. Em 1789 ele morre, durante sua vida fundou 21 escolas para surdos em várias partes da Europa.

Outros métodos de ensino, que não priorizavam a língua de sinais, ainda subsistiam pelo mundo. Em 1778, na Alemanha, cria-se uma escola em Leipzig, por Samuel Heinick, a primeira escola com base na educação oralista. Rejeitando a língua de sinais, seu objetivo era desenvolver a fala. Ele ficou conhecido como pai do método alemão.

Já na idade contemporânea, destaca-se o americano Thomas Hopkins Gallaudet, que viajou até a Inglaterra para se encontrar com Thomas Braidwood, que fundou a primeira escola para surdos no Reino Unido, em busca de metodologias para educação de surdos. A missão de Gallaudet foi frustrada, diante da recusa de Braidwood de compartilhar suas informações pedagógicas com o estrangeiro americano.

Então parte para Paris em busca dos métodos de ensino aos surdos de De L'Epee. Gallaudet volta à América trazendo o surdo Laurent Clerc, membro do Instituto Nacional para Surdos. Juntos fundam no ano de 1817 em Hartford a primeira escola permanente para surdos nos Estados Unidos (STROBEL, 2009). Anos mais tarde, seu filho Edward Gallaudet funda a primeira faculdade para surdos, localizada em Washington.

No Brasil, a educação de surdos teve início durante o segundo império, em 1855, quando o imperador Dom Pedro II convidou o professor francês Ernest Huet, que era surdo, para trabalhar na área da surdez. Fundaram juntos a primeira escola para pessoas surdas, Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, no Rio de Janeiro (STROBEL, 2009).

Em Mato Grosso do Sul, somente no ano de 1986, funda-se a primeira escola para surdos de Mato Grosso do Sul, o Centro Estadual de Atendimento ao Deficiente da Audiocomunicação (CEADA), em Campo Grande, capital do estado.

Um dos fatos mais marcantes na história da Educação de Surdos ocorreu no Congresso de Milão, no ano de 1880, no qual, por meio de uma votação com maioria de professores ouvintes, ficou decidido que a Língua de Sinais seria abolida da Educação de Surdos, prevalecendo o uso da Língua Oral.

Uma das grandes figuras presentes no Congresso foi Alexandre Graham Bell, logo sua influência na sociedade contribuiu para a negação e opressão da língua de sinais. O Oralismo tinha como premissa fazer trabalhos em torno da recuperação da fala e da audição dos surdos, além de repudiar e proibir o uso da língua de sinais. A decisão do Congresso de Milão é apenas um fragmento da história, mas marcou centenas de milhares de vidas de surdos por

todo o mundo, deixando rastros de vergonha, lamentação, vingança, recalque e ódio (GESSER, 2009).

O Oralismo no Brasil foi difundido por volta do ano de 1911. Contudo, a Filosofia oralista não estava garantindo a qualidade na educação dos surdos. Diante das dificuldades em receber instrução formal, os surdos começaram a desenvolver formas de resistências, como criação de associações de surdos, realização de casamentos endógamos, manifestações culturais.

Alguns profissionais perceberam um papel relevante da língua de sinais no processo de escolarização dos surdos e que poderiam ter sérias implicações não somente linguísticas, mas também psicológicas e sociais se fossem submetidos ao oralismo. Assim, timidamente começou a disseminar a chamada Comunicação Total, que privilegiava qualquer tipo de comunicação, reconhecendo a diferença linguístico-cultural, mas utilizando os sinais para desenvolver a fala. No Brasil, começou a ser usada por volta do ano de 1960 (GESSER, 2012).

Pode-se perceber claramente que as abordagens por meio do Oralismo e da Comunicação Total não obtiveram êxito, pois tinham como objetivo adaptar as pessoas com surdez à realidade dos ouvintes. Foi então que na década de 1980 surge a abordagem Bilíngue em favor de melhorias na educação de surdos.

A proposta baseia-se na perspectiva de educação voltada para as duas línguas, a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como a primeira Língua (L1) dos surdos, que, embora já fosse utilizada por pessoas surdas, só foi oficializada no Brasil em 2002, pela Lei nº 10.436/02 e posteriormente regulamentada pelo decreto 5.626/05 e a Língua Portuguesa, como segunda Língua (L2), na modalidade escrita (BRASIL, 2004).

Por conseguinte, considerando as especificidades da cultura surda, concebemos uma proposta teórica com vistas à explicação dos conceitos de gênero e sexualidade na perspectiva da educação de surdos. Atualmente, pesquisas científicas buscam identificar a superação das barreiras no processo de ensino e aprendizagem para estudantes surdos (CARVALHO; CAVALCANTI; SILVA, 2019; IACHINSKI *et al.*, 2019).

2.2 Gênero e sexualidade na educação de surdos

Ações isoladas ou coletivas em diferentes momentos da História causam visibilidade e uma expressividade inusitada, engendrando e problematizando os conceitos de gênero e

sexualidade (LONDOÑO-MARÍN, 2021; MAZA, 2021; MOCTEZUMA BALDERAS, 2021).

Nesse contexto, as identidades surdas são estacadas pela presença de novos discursos, verbais e escritos que interagem com a educação (LOPES; AGRELLO, 2017). A história dos surdos é marcada pela opressão, negação e proibição da língua de sinais, seja na vida social, no trabalho, na educação, seja na vida sexual. A formação da sexualidade de jovens surdos é marcada pelo escasso conhecimento sobre a sexualidade e cercada de mitos e tabus, o que gera dificuldades na evolução como seres sexuados. (TREJO, 2005).

Destarte, ao falar sobre sexualidade das pessoas surdas, é necessário pensar nas questões de gênero. As relações de gênero são estabelecidas e produzidas conforme as concepções sociais que se constroem nos papéis sociais e nas suas representações acerca do que é ser homem e do que é ser mulher. Ações isoladas ou coletivas em diferentes momentos da História causam visibilidade e uma expressividade inusitada, engendrando e problematizando os conceitos de gênero e sexualidade (LONDOÑO-MARÍN, 2021; MAZA, 2021; MOCTEZUMA BALDERAS, 2021).

Gênero pode ser definido como uma organização social da diferença sexual percebida. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com a cultura, os grupos sociais e no tempo (SCOTT, 1994). Dessa maneira, gênero é eminentemente relacional, pois é por meio das relações sociais que as identidades de gênero são construídas (LOURO, 1997).

Se nos aproximarmos dos estudos culturais, percebemos que os sujeitos são donos de identidades plurais e múltiplas, identidades essas que podem se transformar, pois não são entendidas como permanentes ou fixas (HALL, 2006). À vista disso, gênero pode ser entendido como um fator constituinte da identidade do sujeito. Endente-se que gênero e sexualidade são construções intermináveis que dependem das contingências sociais e culturais (LOURO, 2008).

A esfera do gênero e sexualidade pode ser complexa. Em muitos casos, a família se ausenta quanto a essas questões, seja pela falta de informação necessária, seja por medo de incitar a sexualidade dos filhos. Falar de sexualidade não é tarefa fácil, principalmente por se tratar de um assunto impregnado tanto por simbologias (muitas vezes inconscientes), quanto por valores culturais (conscientes ou não) (LEBEDEFF, 2010).

A sexualidade não deve ser compreendida como uma única dimensão, a reprodução do sujeito. Assim, todo o contexto que envolve sexualidade é rodeado de muitos mitos e tabus,

muitas vezes criados a partir de conceitos religiosos que supõem os aspectos sexuais apenas como meio de procriação.

Pode-se definir sexualidade como um conjunto de concepções e valores que envolvem a intencionalidade humana e a expressão afetiva de cunho social e histórico. A sexualidade abarca, então, uma amplitude de condutas humanas, para além de sua genitalidade e não deve ser entendida, exclusivamente, como sinônimo de sexo, relação sexual, orgasmo, órgãos sexuais, mas sim na sua dimensão ampla e cultural que abrange diferentes aspectos como o amor, relacionamentos afetivos e sexuais, a sensualidade, o erotismo e o prazer, a expressão da identidade e dos papéis sexuais etc. (MAIA; ARANHA, 2005)

A sexualidade propriamente dita pode ser inata, porém ela é culturalmente construída, onde os sujeitos podem criar comportamentos e se expressar na formação das suas identidades sexuais, com isso assumirem seu papel.

Atualmente, muito se discute a respeito da sexualidade, contudo, quando se trata da sexualidade das pessoas surdas, o discurso aborda questões na perspectiva biológico-funcional, de forma prescritiva e reguladora, em que os sujeitos são referidos como incapazes de receber informações e experimentar relações afetivas e eróticas no seu cotidiano (MOREIRA, 2010).

Sem embargo, as manifestações da sexualidade dos jovens surdos são iguais às dos ouvintes, o que difere diz respeito ao acesso a informações e o preconceito que permeia acerca das expressões da sexualidade. Com o acesso limitado às informações, resistência dos familiares em viabilizar a educação sexual e o desconhecimento dos colegas sobre o assunto, podem aumentar a probabilidade de informações equivocadas e acesso restrito às informações referentes a essas questões (GLAT, 2004; JOB, 2004).

Os resultados de uma pesquisa desenvolvida por Dreyer *et al.* (2018), identificaram que as pessoas surdas entrevistadas possuem um conceito de sexualidade restrito apenas à saúde e prevenção, mais especificamente ao ato sexual ou as formas de prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos, desconhecendo a ampla definição de sexualidade e desconhecendo o tema no contexto sociocultural em que estão inseridos.

Na antiguidade, abordar discussões sobre sexualidade dentro do contexto escolar com os alunos era considerado um afronto para a sociedade, com isso questões sobre sexualidade eram omitidas dentro das escolas (TIBA, 1994).

Durante muito tempo, a sexualidade foi solenemente ignorada pelas escolas. Os professores agiam como se seus alunos fossem seres assexuados, mesmo quando chegavam à

adolescência. Não podia ser diferente; afinal, para toda sociedade o tema sexo dá-se entre quatro paredes. O melhor encaminhamento, portanto, era não tocar no assunto e deixar que a natureza se encarregasse de ensinar os alunos o que estava se passando. E, como a ordem era reprimir a sexualidade, melhor seria não tocar no assunto para não despertá-la (TIBA, 1994).

Percebe-se a necessidade e relevância em discutir sobre gênero e sexualidade nas escolas, principalmente quando se trata dos alunos surdos, pois, independente de sua condição física, o ser humano precisa de conhecimentos sobre sua sexualidade, que muitas vezes é silenciada no ambiente familiar e no ambiente escolar, seja por preconceitos ou mitos.

Por consequência, destaca-se a importância de discussões sobre educação sexual desde os anos iniciais da educação básica até o ensino médio, cabendo aos professores problematizar e promover informações e discussões considerando o gênero e a sexualidade não apenas em sua dimensão biológica, mas sim sociocultural. Nessa perspectiva, cabe à educação orientar a sexualidade dos alunos surdos, pois a educação sexual é uma constante construção histórico-cultural, construída em decorrência das suas vivências, as quais devem ser respeitadas pela escola.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo bibliográfico e, por utilizar procedimentos de caráter inventariante e descritivo, esta metodologia é caracterizada como pesquisa do estado do conhecimento (FERREIRA, 2002).

A investigação foi realizada por meio de pesquisa nas bases de dados eletrônicas: Portal de Periódicos CAPES/MEC, Catálogo de Teses e Dissertações CAPES, *Scientific Electronic Library Online – SciELO* e GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação - ANPED. Como estratégias de busca, utilizaram-se os seguintes descritores e palavras-chave em português, espanhol e inglês: “Gênero”, “Sexualidade” e “Surdez”. Também houve a combinação desses termos e descritores por meio do operador lógico AND: “gênero” AND “sexualidade”; “gênero” AND “sexualidade” AND surdez. Como critério de inclusão, instituíram-se pesquisas no formato de artigos originais, teses e dissertações publicados no período de 2015 a 2020, em periódicos nacionais e internacionais em português, inglês e espanhol e realizadas com humanos.

Como critério de seleção, nas análises e na discussão dos artigos procurou-se observar ano, autor, o objeto de estudo, metodologia adotada, locais onde foram desenvolvidas as

pesquisas e os resultados alcançados. Dado o objeto de discussão da pesquisa, foram definidos como critérios de inclusão para seleção apenas as pesquisas desenvolvidas na Área de Educação.

Previamente, para identificar se as pesquisas atendiam aos critérios de inclusão, os estudos foram analisados por dois revisores, que realizaram a triagem de todo o conteúdo selecionado, mediante a leitura dos respectivos título e resumo, seguindo os critérios de inclusão supracitados.

Quando existiu discordância quanto à permanência ou não de determinado estudo, as pesquisas remanescentes foram acessadas na íntegra para avaliação. Após a exclusão das pesquisas publicadas por intermédio do processo de refinamento, as quais foram lidas e examinadas criteriosamente, agrupadas e classificadas, empregando um protocolo de organização de acordo com as categorias temáticas, em referência ao tipo de estudo e as características da pesquisa no tocante a gênero, sexualidade e surdez. Por fim, foi selecionado 1 estudo que atendia aos critérios de inclusão estabelecidos e compôs a amostra dessa investigação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme descrito, os resultados que serão apresentados abaixo buscam identificar os estudos com temáticas dentro da área de conhecimento gênero, sexualidade e surdez. O Quadro 1 apresenta o mapeamento documental das fontes de dados separadamente a partir da utilização dos descritores:

Quadro 1 – Classificação das pesquisas

Portal de Periódicos CAPES/MEC		
Descritores	Quantidade	Selecionados
Gênero	36.275	0
Sexualidade	2.414	0
Surdez	499	0
“gênero” AND “sexualidade”	1.438	0
“gênero” AND “sexualidade” AND “surdez”	2	0
Total	40.628	0
Catálogo de Teses e Dissertações CAPES		
Descritores	Quantidade	Selecionados
Gênero	659	0
Sexualidade	176	0
Surdez	68	1
“gênero” AND “sexualidade”	664	0

“gênero” AND “sexualidade” AND “surdez”	0	0
Total	1.567	1
SciELO		
Descritores	Quantidade	Selecionados
Gênero	430	0
Sexualidade	65	0
Surdez	33	0
“Gênero” AND “sexualidade”	35	0
“Gênero” AND “sexualidade” AND “surdez”	0	0
Total	563	0
GT 23 da ANPED		
Descritores	Quantidade	Selecionados
Gênero	137	0
Sexualidade	116	0
Surdez	6	0
“Gênero” AND “sexualidade”	114	
“Gênero” AND “sexualidade” AND “surdez”	0	0
Total	237	0

Fonte: dados organizados pelas autoras.

No portal de periódicos da CAPES, foi feito o refinamento de busca. Na opção tipo de material, foram selecionados apenas artigos, visto que livros, imagens e audiovisual não fazem parte dessa investigação, com os descritores entre aspas, assim como nos outros bancos de dados.

Para refinar a pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações CAPES, como grande área do conhecimento, foi selecionada a opção “ciências humanas” e, como área do conhecimento, área de avaliação e área de concentração, optou-se por “educação”. No SciElo, a partir do refinamento de busca, selecionou-se a opção “ciências humanas, educação e pesquisa educacional” como área temática. No portal ANPED as buscas foram realizadas apenas no GT 23.

Chama a atenção que são numerosos os estudos relacionados à área de gênero e sexualidade, seguido de um quantitativo menos expressivo de publicações relacionadas à surdez. Destarte, a interface de interesse desta pesquisa: as questões sobre gênero, sexualidade e surdez apresentaram-se com estudos escassos, revelando a necessidade de maiores reflexões a partir dessa tríade.

O artigo de Louro (2011), publicado na Revista Brasileira Sobre Formação Docente, propõe uma reflexão acerca das questões em torno dos gêneros e das sexualidades, destacando que esses temas não envolvem apenas conhecimento ou informação, mas envolvem valores e um posicionamento político diante da multiplicidade de formas de viver e de ser. A partir

disso, a autora questiona como a escola, professores e professoras têm lidado com as discussões relacionadas a essa temática, indaga ainda: “Quais são nossos pontos de apoio e onde se encontram nossas fragilidades e receios?” (LOURO, 2011, p. 1).

Dito isso, Louro (2011, p. 2) ainda ressalta que “o tema ‘gênero e sexualidade’ geralmente nos fascina, nos provoca curiosidade e **está por toda parte**” (grifo nosso). Contudo, quando o teor dessa tônica é investigado na conjuntura da surdez, percebe-se uma realidade exatamente contrária, ou seja, percebemos um cenário acadêmico de pesquisa pouco explorado quando se pensa em pesquisa envolvendo seres humanos com representações de gênero ou sexualidade com enfoque na cultura surda.

O Quadro 2 demonstra de maneira resumida algumas características do estudo selecionado após serem aplicados os critérios de inclusão, a partir do título, autoria, tipo de pesquisa e ano da produção. Destaca-se que não foram identificados estudos com temáticas de pesquisa dentro da área de conhecimento proposta neste estudo no GT 23 da ANPEd, Portal de Periódicos da CAPES e no SciELO.

Quadro 2 – Características da pesquisa

Catálogo de Teses e Dissertações CAPES			
Título	Autor(es)	Tipo	Ano
Surdez, gênero e sexualidade: um estudo sobre o imaginário social em uma escola de ensino fundamental bilíngue no Sul do Brasil	Marcia Beatriz Cerutti Muller	Tese	2017

Fonte: dados organizados pelas autoras.

Com a tese apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE da Universidade La Salle - UNILASALLE - como requisito parcial à obtenção do grau de Doutora em Educação, Müller (2017) tem como temática investigativa o Imaginário Social na Educação de Surdos em relação à surdez, gênero e sexualidade, fazendo interface entre as linhas de pesquisa: formação de professores, teorias e práticas educativas e gestão, educação e políticas públicas.

Müller (2017) utiliza uma perspectiva dos estudos culturais e estudos de gênero (LEBEDEFF, 2010; LOURO, 2014) e apresenta como problema de pesquisa a forma que os discursos, em relação à surdez, gênero e sexualidade, vêm influenciando o imaginário social de docentes de uma Escola de Ensino Fundamental Bilíngue para Surdos no sul do Brasil. Tem como objetivo investigar o imaginário social desses docentes, e suas concepções em

relação à surdez e às pessoas surdas, a gênero e à sexualidade e o reflexo nas práticas pedagógicas.

Com a proposta, tem-se uma pesquisa de cunho híbrido com abordagem quali-quantitativa, desenvolvida em duas fases: na primeira, um estudo de caso, utilizando entrevistas reflexivas e observações para a coleta de informações e análise por meio da *grounded-theory*. E na segunda, a análise estatística de questionários estruturados através do *software* SPSS 24.0, Müller (2017) constatou que os docentes concordam que a Língua de Sinais é muito importante. No entanto, o grupo de discentes afirma usá-la muito pouco nas interações com a família; os grupos afirmam que a escola, às vezes, discute sobre gênero e sexualidade; há indícios de um silenciamento em relação aos temas sexualidade e gênero.

Por fim, Müller (2017) defende a necessidade de mudança, não apenas nos textos legais sobre gênero e sexualidade, nos modos de nomear os “outros diferentes”, mas na maneira de olhar as pessoas e as diferentes formas de expressão e comunicação.

Para tanto, ainda existem alguns mitos em relação ao assunto que não se confirmam na prática, havendo a necessidade de superação desses mitos, considerando que a sexualidade é a mais normal das características humanas e precisa ser sentida por todos (GONÇALVES; BARBOSA, 2020).

Percebe-se aqui a necessidade de potencializar futuros estudos com jovens sujeitos surdos, tendo como lócus de investigação a própria escola. Dreyer *et al.* (2018) apontam que os entrevistados da pesquisa (três jovens surdos) passaram por um processo de incomunicabilidade e de censura de informações acerca da sexualidade, tanto por parte da família, que muitas vezes quer preservar esses sujeitos, quanto por parte da escola, por falta de uma didática apropriada.

As pesquisas apresentadas consolidam a defesa de que a comunidade acadêmica precisa se mobilizar e sistematizar investigações sobre gênero e sexualidade nas tessituras teóricas da surdez. As descobertas apresentadas pontuam a subjetividade dos sujeitos e a necessidade de olhar para esses particulares.

Nessa conjuntura, futuras pesquisas no contexto do gênero, sexualidade e surdez, nomeadamente na Área da Educação, podem provocar importantes transformações nas formas de conhecer as chamadas “minorias”, especialmente na grande área da Educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades de situar a tríade “gênero, sexualidade e surdez” como campo legítimo de investigação científica nos dias atuais encaminharam as discussões desta pesquisa. Nesse enredo, o presente estudo teve por finalidade mapear os artigos, dissertações e teses que abordassem a temática que envolve gênero, sexualidade e surdez, no período de 2015-2020, publicados no portal da Capes/MEC, CAPES teses e dissertações, SciELO Brasil, e GT 23 da ANPED.

Os resultados permitem identificar a carência de pesquisas relacionadas às questões sobre gênero, sexualidade e surdez. Dessa maneira, nota-se que estudos científicos acerca da sexualidade dos surdos são insuficientes, dada a importância do tema, o que pode ocasionar lacunas ou limitações no ensino dessa vertente e, dessa forma, a omissão de informações para esse público que apresenta características linguísticas e culturais diferentes dos ouvintes.

Portanto, consideramos que o campo do gênero e sexualidade das pessoas surdas ainda tem muito a ser explorado cientificamente, julgando que as produções de artigos, dissertações e teses são escassas atualmente.

A partir desse contexto, sugerimos futuras produções científicas que possam contribuir para difundir a temática sobre gênero e sexualidade para a comunidade surda, tais como investigações *in loco* em escolas comuns, escolas bilíngues e universidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

BRASIL. **Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei n o 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

ALMEIDA, D. L; LACERDA, C. B. F. Português como segunda língua: a escrita de surdos em aprendizagem coletiva. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 2, 2019.

CARVALHO, M. E; CAVALCANTI, W. M. A; SILVA, J. A. Teaching of Portuguese to the deaf: an integrative literature review. **Journal CEFAC**, v. 21, 29 abr. 2019.

DREYER, L. R. O. MATEUS, M. A. R; GONÇALVES, J. P. Pessoas com surdez e suas relações com a Sexualidade: silenciamentos e descobertas. **Revista Textura (ULBRA)**, Revista de Educação e Letras. v. 20 n. 44, 2018.

FEBVRE, L. **Combates pela História**. Ed.: 2ª. Editora Presença: Lisboa, 1989.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, São Paulo, ano XXIII, n. 79, 2002.

GESSER. A. **LIBRAS? Que língua é essa?** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GESSER. A. **Metodologia do ensino em LIBRAS como L2**. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

GESSER. A. **O ouvinte e a surdez**: sobre ensinar e aprender a LIBRAS. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GLAT, R. **Saúde sexual, deficiência e juventude em risco**. Relatório de consultoria técnica: educação sexual, sexualidade, juventude, deficiência, depoimentos, inclusão social. Rio de Janeiro: Banco Mundial, 2004.

GONÇALVES, J. P. BARBOSA, M. M. F. Opiniões de mães e profissionais sobre a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 10, p. 01-30, 2020.

GOLDFELD, M. **A criança surda**. São Paulo: Pexus, 1997.

HANSON, R; RICHARDS, P. Acosadas en terreno: El género, la raza, la nación y la construcción del conocimiento etnográfico. **Polis (Santiago)**, v. 20, n. 59, p. 79–98, maio 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IACHINSKI, L. T. *et al.* Libras discipline inclusion in graduation courses: future teacher’s vision. **Audiology - Communication Research**, v. 24, 28 mar. 2019.

JOB, J. Factors involved in the ineffective dissemination of sexuality information to individuals who are deaf or hard of hearing. **American Annals of the Deaf**, 149(3), 264-273. doi:10.1353/aad.2004.0025. 2004.

KUNIN, J. Los “medio putos”: masculinidades subalternas y dinámicas de género alternativas en la rural Pampa húmeda argentina (2014-2017). **Historia y sociedad**, n. 41, p. 69–92, 1 jul. 2021.

LACERDA, C. B. F. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação de surdos. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 19, n. 46, 1998.

LEBEDEFF, T. B. **Surdez e sexualidade**: uma discussão sobre a necessidade de empoderamento linguístico e acesso à informação. 2010.

LONDOÑO-MARÍN, V. Calle de las guapas: disposición final de otredades negativas o espacio de relaciones sociales provocadoras. **LiminaR**, v. 19, n. 1, p. 44–56, jun. 2021.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalisata. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidades e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.

LOURO, G. L. **“Pedagogias da sexualidade”**. In: _____. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 17–23, ago. 2008.

LOURO, G. L. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. Formação Docente – **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores**, v. 3, n. 4, p. 62–70, 2011.

LOPES, G. K. F; AGRELLO, M. P. A Representação Histórico Cultural da Língua de Sinais: Opressão e Repressão. **Revista FSA (Centro Universitário Santo Agostinho)**, v. 14, n. 2, p. 86–111, 23 fev. 2017.

MAIA, A. C. B; ARANHA, M. S. Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. **Interação em Psicologia**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 103-116, 2005.

MAIA, A. C. B. **Inclusão e sexualidade**: na voz de pessoas com deficiência física. Curitiba: Juruá, 2011.

MAIA, A. C. B. RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.16, n.2, p.159-176, Mai.-Ago, 2010.

MAZA, L. M. I. Reconocimiento e identidad de género. **Veritas**, n. 48, p. 103–120, abr. 2021.

MELO, G. C. V. Performativity of race intersected by gender and sexuality in a conversation circle among black women. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 60, p. 6–15, 14 maio 2021.

MOCTEZUMA BALDERAS, A. C. Cuerpos performáticos: las prácticas transformistas del Certamen Nuestra belleza gay Cárdenas. **La ventana. Revista de estudios de género**, v. 6, n. 53, p. 406–440, jun. 2021.

MOREIRA, S. Z. **A mulher surda e suas relações de gênero e sexualidade**. In Skliar, C. (Ed.), A surdez: um olhar sobre as diferenças (pp. 95-103). Porto Alegre: Mediação. 2010.

MÜLLER, M. B. C. **Surdez, gênero e sexualidade**: um estudo sobre o imaginário social em uma escola de ensino fundamental bilíngue no Sul do Brasil. Tese de Doutorado—Programa de Pós-Graduação em Educação: Universidade La Salle - UNILASALLE, 2017.

ORTOLAN, L. S. *et al.* O Uso de Expressões Pejorativas em Relação a Gênero e Sexualidade na Perspectiva de Futuros Professores. **Revista FSA (Centro Universitário Santo Agostinho)**, v. 17, n. 8, p. 149–172, 25 set. 2020.

PERLIN, G; STROBEL, K. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 2, p. 17-31, 2014.

PRIOSTE, C. D. Educação inclusiva e sexualidade na escola – relato de caso. **Estilos da Clínica**, Vol. 15, nº 1, 14-25. 2010.

SCOTT, J. W. **Gender and politics of history**. Columbia University Press, N.Y.,1988. Tradução de Mariza Corrêa, IFCH/Unicamp. Cadernos Pagu (3) 1994: pp. 11-27.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

STROBEL, K. **História da educação de surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Letras-Libras na modalidade a distância. Florianópolis. 2009.

STROBEL, K. L. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.

TIBA, I. **Adolescência**: O despertador do sexo. São Paulo: Ed. Cortez, 1994.

TREJO, M. T. **La construcción de la sexualidad en adolescentes sordos y sordas**. Archivos Hispanoamericanos de Sexología. 2005.

VASCONCELOS, C. M. T. FERREIRA, L. A. A formação de futur@s. Professor@s de educação física: reflexões sobre gênero e sexualidade. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. v. 36, 2020.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

RIZZO, J. G. S. GONÇALVES, J. P. Gênero, Sexualidade e Surdez em Pesquisas: Definições e Características. **Rev. FSA**, Teresina, v.19, n. 1, art. 7, p. 130-147, jan. 2022.

Contribuição dos Autores	J. G. S. Rizzo	J. P. Gonçalves
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X